

A POESIA OBSCURA/LUMINOSA DE HILDA HILST E A METAMORFOSE DE NOSSA ÉPOCA

Nelly Novaes Coelho¹

Ainda em desamor, tempo de amor será.
Seu tempo e contratempo.
Nascendo espesso como um arvoredo
e como tudo que nasce, morrendo
à medida que o tempo nos desgasta.
Amor, o que renasce.

RESUMO: Ensaio que procura seguir os fios emaranhados do universo poético, construído por Hilda Hilst, durante quarenta anos de intenso labor universo que se faz testemunha deste nosso tempo-em-mutação, e que eternizará no tempo a voz de sua criadora: poeta da estirpe dos visionários e dos que fazem da Vida e da Arte uma só paixão."

PALAVRAS-CHAVES: Poesia - Modernidade - Criatividade - Mundo atual.

ABSTRACT: This essay tries to follow entangled lines of the poetical universe, constructed by Hilda Hilst, during forty years of intense universe work that became a witness of this time-in-mutation of ours; and that will eternalize the voice of its creator in time. Poet of the lineage of the visionaries and of the ones who make of Life and Art a unique passion.

KEY-WORDS: Poetry - Modernity - Creativity - current World.

Como toda grande poesia (a que se faz voz de um eu interior centrado em si mesmo e ali buscando resposta para o Enigma da Vida) a de Hilda Hilst (1934-2004) expressa em seu suceder as transformações de seu tempo. Ou melhor, algumas das interrogações mais radicais da contemporaneidade:

· Uma, de caráter humano (psíquico-sociológico) que corresponde à busca empreendida pela Mulher, no encaixe de sua própria imagem e de seu novo lugar no mundo, através do amor.

· Outra de essência filosófico/metafísica, que se processa no âmbito das relações Homem/Divindade e tenta redescobrir a condição humana, as forças terrestres e a própria Morte, como elementos essenciais da própria Divindade (Deus, Princípio Primeiro, Absoluto, Mistério cósmico, Vida...)

Ambas radicam em interrogações vitais para o ser humano: sobre o resgate definitivo de sua condição terrestre/mortal, e sobre a urgente recuperação do espaço feminino (geratriz, mãe,

amante, esposa, estímulo à luta, refúgio, permanência), hoje em plena metamorfose e desequilíbrio.

Na poesia de Hilda Hilst, essas interrogações radicais estão fundidas: a *condição humana* e a *mulher* (com seus problemas específicos) fundem-se numa terceira entidade, a *poeta*, que vai assumir a responsabilidade da tarefa nomeadora atribuída à Poesia.

O Caminho de dentro
É um grande espaço-tempo.

.....
Mensageiro das ilhas,
Teus pés de pássaros, a mim é que procuram se
caminhas.
Áspero é o teu dia. E o meu também. / Inauguro
ares e ilhas / Para que o teu corpo se conheça /
Sobre mim, mas é áspera / Minha boca móvel
de poesia, / Áspera minha noite. /

Poeta, dramaturga e ficcionista, tríplice (e rara) conjugação de forças criadoras, a paulista Hilda Hilst (1930-2004), através de quase meio século de criação, consagrou-se como uma das



personalidades mais completas e instigantes da Literatura Brasileira contemporânea. Acompanhar seu surgimento e seu evoluir nesse longo e fecundo percurso é ver confirmada a “sintonia” de sua criação com as forças renovadoras que, sob múltiplas formas, vêm provocando a transformação do mundo.

Desde as primeiras horas, o mistério da Poesia e do Amor foram os pólos imantados que atraíram a invenção de sua palavra. Mas o interrogar tal mistério vai se alterando ou se ampliando em círculos cada vez mais largos, à medida em que a poeta *verticaliza* e aprofunda a sondagem de sua palavra. Do interrogar atento e lírico (voltado *para os seres e coisas* que tocam o eu-poético) seus poemas vão radicalizando o interrogar e se concentrando mais no eu, no ser-que-interroga.

Há uma diferença essencial entre o primeiro e o último interrogar: aquela que vai do *eu que se vê em distância*, com que de fora, procurando se conhecer objetivamente, e a de *um eu que se assume por dentro*, força ou luz que existe e irrompe fulgurante.

Em seus inícios (1959) pressionada pelo tumulto interior do Amor e da Poesia, que a faziam sentir-se dividida ou dúplice, a poeta diz:

É meu este poema ou é de outra? / Sou eu esta mulher que anda comigo / e renova a minha fala e ao meu ouvido / Se não fala de amor, logo se cala? Sou eu que a mim me persigo / Ou é a mulher e a rosa que escondidas / (Para que seja eterno o meu castigo) / Lançam vozes na noite tão ouvidas?

Anos depois (1979), assumindo-se na plenitude de ser Mulher/Poeta (aquela que está “no princípio”, sempre e sempre), encara com desassombro a última grande Aventura da Vida (a que virá com a Morte) e confirma sua “verdade” descoberta:

Me cobrirão de estopa / Junco, palha. / Farão de minhas canções / Um oco, anônima mortalha / E eu continuarei buscando / O Frêmito da palavra. / E continuarei / Ainda que os teus passos / De cobalto / Estrôncio / Patas hirtas / Devam me preceder. /

Em alguma parte / Morte, serrado, vastidão / E Nada. / Eu estarei ali / Com minha canção de sal.

Vislumbrado, afinal, o eu obscuro/luminoso

que é ela própria, Mulher/Poeta, sente que a resposta para os demais enigmas que a vida lhe propõe, virá a partir da resposta que esse eu radical lhe der.

A Confluência de forças na poesia brasileira nos anos 50

Não há silêncio bastante / Para o meu silêncio.
/ Nas prisões e nos conventos / Nas igrejas e na noite / Não há silêncio bastante / Para o meu silêncio.

Pode-se dizer que o silêncio era a presença mais forte que se impunha aos poetas, nos anos 50 (período da Guerra Fria, quando parecia que já não havia mais nada a dizer ou que nada mais importava). O que não significa que se calaram. Na verdade, de mil modos, falaram sobre o não-falar ou sobre a inutilidade da fala. E o que Carlos Drummond (vindo de outros tempos, mas sempre sensível ao instante-em-trânsito) diz a Orfeu; em *Canto Orfíco* (1953)

Tua medida, o silêncio o cinge e quase a insculpe, braços do não-saber. Ó fabuloso, mundo paralítico surdo nato incógnito na raiz da manhã que tarda,
/.../
Integra-nos, Orfeu, noutra mais densa atmosfera do verso antes do canto, do verso universo, latejante no primeiro silêncio, promessa de homem, contorno ainda improvável de deuses a nascer.

Sem ter nada de “drummondiana”, mas simplesmente sofrendo a pressão das mesmas forças, Hilda Hilst vai no encaixo desse “verso antes do canto”, “latejante no primeiro silêncio, promessa de homem”. Em meio a muitas dúvidas e com uma nítida certeza, ela diz:

O não dizer é o que inflama / E a boca sem movimento / É o que torna o pensamento / Lume / Cardume / Chama.

Dessa chama, está iluminada a poesia de *Roteiro de Silêncio* (1959), em cujo título já se enunciava a atitude mais válida, naquele momento de caos e decepções profundas em todo o mundo. Não era, porém, o silêncio total que se impunha, mas apenas o do *eu lírico*, confessional, como o diz o título das cinco elegias que abrem o volume: “É tempo de parar as confidências”

Teus esgares / Teus gritos / Quem os entende?

E mais adiante, a resolução:

E foi assim que o poeta / Assombrado com as ausências / Resolveu: / Fazer parte da paisagem / E repensar convivências.

E desse repensar vai surgindo o inventário da crise em curso. Dividida entre o apelo do *eu intimista*, confessional e o apelo realista do mundo objetivo, onde a vida se decide, a poeta procura fugir da dor de Saber e de Pensar, seguindo o caminho sugerido por Fernando Pessoa-Caieiro (o genial poeta português que nesses anos 50 começava a ser descoberto pela poesia brasileira...). Procurando uma solução para o impasse, a poeta se volta para a natureza, para os animais, aspirando diluir-se no estágio anterior à consciência crítica que faz sofrer.

Não te espantes da vontade / Do poeta / Em transmutar-se: / Quero e queria ser boi / Ser flor / Ser paisagem.

Longe de ser uma mera fantasia bucólica, esse desejo de transmutação revela a ânsia de retorno ao natural, ao simples, ao espontâneo... que o espírito crítico impede, ao homem civilizado, de fruir com plenitude. Há nessa ânsia de retorno, um evidente cansaço de pensamento reflexivo. Mas, ao contrário de Pessoa, / que queria ser “simples como uma flor”, mas ter consciência dessa simplicidade / (como se isso fosse possível, sem perdê-la...), Hilda Hilst quer apenas

Ter olhos claros, ausentes / Sem o saber ser contente / De ser boi, ser flor, paisagem.

Mas a solução não estava ali, naquela simplicidade desejada, mas no Amor:

É tempo para dizer / Se prefiro o teu amor / Àqueles, aos doces ares Da minha campina em flor. / .../ Tu, bem o sei, me pressentes. / E mais ainda, me vê / Tão perto do querer ser / Deste amor sempre contente.

É na essência camoniana do Amor Puro e Absoluto, que vai ser buscada a solução de vida e poesia plenas. Na sequência dos “Sonetos que não são” e na “Do Amor contente muito descontente”, de intencional conotação camoniana

ou trovadoresca, se expressa a ambiguidade de reações da mulher que, ao amar, se liberta dos tabus castradores e, ao mesmo tempo, se sente frustrada pelo que deixou de ser, quando optou:

Aflição de ser eu e não ser outra / Aflição de não ser, amor, aquela Que muitas filhas te deu, casou donzela / E à noite se preparou e se adivinha / Objeto de amor, atenta e bela.

/.../

Aflição de não ser a grande ilha / Que te retém e não te desespera. (A noite como fera se avizinha).

Aflição de ser água em meio à terra / E ter a face conturbada e móvel. / E a um só tempo múltipla e imóvel / Não saber se se ausenta ou se te espera.

Em metáforas quase transparentes, aí fala a mulher dividida entre o desejo de ser a “esposa” (presença estável, refúgio, proteção, mãe-geradora-de-vida que prolonga o amado no tempo...) e o impulso apaixonado de ser a “outra” (a mobilidade da paixão, a Aventura existencial, a viagem do prazer, onde o *eu* como que explode em plenitude e por instantes o Momento se identifica com a Eternidade). Terra e água, os elementos primordiais da criação do mundo, são as metáforas que Hilda Hilst toma dos versos de Péricles Eugênio da Silva Ramos (um dos poetas mais representativos da Poesia-45 brasileira): “Aflição de ser terra / Em meio às águas”. Glosando-as, no soneto em questão, a poeta inverte os termos: sente-se “água em meio à terra”. Inversão significativa que, alguns anos depois, será desfeita, pois a poeta vai-se afirmar como “terra”.

A Tarefa do Poeta

Ode Fragmentária (1961) reflete a preocupação com a nova palavra poética que as vanguardas estavam reivindicando nos anos 60. Daí o contínuo refletir sobre a tarefa do poeta e o lugar da poesia e do amor no mundo de incertezas e buscas que continuava a desafiar o homem.

A noite não consente a veleidade / De retomar na memória e no tempo / O tempo em que eu senhora de vaidades / Dissipava no verso o meu lamento /

/.../

Tempo não é, senhora, de alvoradas.



A indagação sobre sua tarefa de poeta está presente do primeiro ao último verso desta *Ode Fragmentária*, onde a invenção poética e amor se conjugam na incansável busca que ali se inscreve.

A mesma problemática prossegue nos poemas densos de *Sete Cantos para o Anjo* (1962), agora, porém, concentrada no ser dúplice que é o poeta. A presença de Rilke começa a se fazer sentir em sua palavra poética. A epígrafe de Jorge de Lima já aponta para o cerne de pensamento que aí se afirma: Nunca fui senão uma coisa híbrida / Metade céu, metade terra, / Com a lua de Miraceli dentro das duas órbitas." E Hilda Hilst inicia o "Canto Primeiro" indicando abertamente sua identificação com seus companheiros de canto (Jorge de Lima e Rilke).

Se algum irmão de sangue (de poesia) / Mago de duplas cores no seu manto / Testemunhou seu anjo em muitas cantos / Eu, de alma tão sofrida de inocências / O meu não cantaria?

E a poeta dialoga com seu "anjo", com o ser obscuro/luminoso que vive dentro dela ou com ela se confunde:

Desde sempre caminho entre dois mundos / Mas a tua face é aquela onde me via / Onde me sei agora desdobrada. /.../ E por que me escolheste? / Em direções menores me plasmei. /.../ E entendia / Que era preciso falar de uma ciência / Uma estranha alquimia:

O homem é só. Mas constelar na essência. / Seu sangue em ouro se transmuta. / Na pedra ressuscita. / No mercúrio se eleva. /

Aí se enuncia a força primeira que dinamiza a poesia de Hilda Hilst e que vai se fazer cada vez mais perceptível em seu canto: interrogar o homem "constelar na essência" e sua incessante transmutação; descobrir sua "verdade secreta", aqui e agora... É a partir desse impulso primeiro, que tudo o mais adquire sua verdadeira significação nessa poesia que se faz cada vez mais densa e tensa.

O Inventário-marco: a consciência terrestre e a experiência religiosa

Importante marco na produção poética de Hilda Hilst, *Trajectoria Poética do Ser* (1963/1966), representa um verdadeiro inventário dos caminhos e descaminhos percorridos (e a percorrer) pela poeta.

Divididos em quatro unidades (Passeio – Memória – Odes Maiores ao pai e Iniciação do Poeta), os poemas aqui reunidos têm ainda, como motivo polarizados, a *dialética do ser mulher/poeta em tensão que se aprofunda*,. Porque abarca também a *força dos seres e das coisas terrenas*. Força essa que a Poesia deve revelar em sua verdade oculta. Do contínuo corpo-a-corpo entre a voz que canta e o *ser obscuro/luminoso* onde se gera o canto, é que partem os outros motivos essenciais dessa poesia: a *grandeza da tarefa poética* (dando voz às experiências de vida, que adentram a área do indizível); a *função mediadora da poesia* (re-ligando o homem contemporâneo, prisioneiro da civilização da técnica, aos impulsos primitivos ou naturais do espírito, que lhe permitirão a vivência autêntica) e, principalmente, o aprofundamento da consciência terrestre rilkeana (que deverá redescobrir o homem a si mesmo). Esse aprofundamento se liga, visivelmente, à presença estuante do grego Kazantzaki, a que Hilda Hilst dedica o livro: *A memória de Nikos Kazantzaki, que me fortaleceu em amor*. Oferta que completa a seguir por uma verdadeira "profissão de fé": Em ti, terra, descansei a boca, a mesma que aos outros deu de si o sopro da palavra e seu poder de amar e destruir.

Amplia-se e aprofunda-se a *consciência terrestre* que Hilda Hilst havia assumido até aqui em sua identificação espontânea com o pensamento rilkeano e com o misticismo religioso que o fundamenta. De agora em diante, comunga também com o avassalante sentimento-de-mundo de Kazantzaki. Ilumina-se em sua poesia o pano de fundo da tortuosa/luminosa/efêmera vida terrena que alcança ou participa da eterna divindade. Adensa-se o seu sentimento religioso do mundo, alimentado cada vez mais pela idéia de que "os deuses morrem, mas a divindade é imortal." (Kazantzaki, *Carta a Grego*).

Pode-se dizer que o verdadeiro motivo polarizador da poesia hilstiana, a partir de *A Trajetória Poética do Ser*, é a nova experiência religiosa que *busca Deus nas coisas terrestres*. Uma interrogação radical é provocada por essa nova experiência religiosa, que tenta re-descobrir a religião no sentido original da palavra *re-ligio*: a re-ligação do homem ao universo cósmico/divino do qual foi separada ao nascer. Interrogação radical, porque envolve num mesmo fenômeno a idéia da divindade, do universo, do "homem decaído", de seu lugar no mundo e de seu poder de criação.

Lenta será minha voz e sua longa canção / Lentamente se adensam as águas / Porque um todo de terra em mim se alarga /
/.../
A face do meu Deus iluminou-se / E sendo Um só, é múltiplo Seu rosto.

A multiplicidade na Unidade é um dos vetores da busca em que se empenha esta poesia. Fecundadas por essa agônica busca do Conhecimento desse novo Homem e esse novo Deus, as palavras do poeta se empapam de enigmas. *Trajatória Poética do Ser* constitui, pois, um momento de vivência e reflexão. Ser terra / E cantar livremente / O que é finitude / e o que perdura. "terra", matéria/espaco primordial, onde a vida se cumpre, e de cuja resistência a poesia está investida. "Terra" sempre pronta para receber a semente, mas que só com o convívio da "água" se cumprirá em fecundidade. É nesse sentido que se entende a ordem ao poeta:

Despe-te das palavras e te aquece. / Toma nas mãos esses odres de terra / E como quem passeia, leva-os ao mar. /.../ Deita-te depois e vibra tua garganta / Como se fosse o início de um cantar.

A poesia de Hilda Hilst se confirma como "voz" ou "testemunho" da vida concreta/finita, vivida com paixão e intensidade raras, porque existe a certeza de um além para lá do concreto-e-do-finito, onde as raízes se perdem e onde tudo encontrará sua justificação final.

Do "homem da queda" para o novo Deus

O entranhado sentimento de busca de Deus é outro aspecto que aproxima a poeta brasileira do grego Kazantzaki. Em *A Trajetória Poética do Ser*. Hilda Hilst parte do Deus do Velho Testamento (aquele que condenou o homem à queda), para em seguida acenar para um novo Deus:

Nosso Deus era um Todo inalterável, mudo / E mesmo assim mantido. Nosso pranto / Continuadamente sem ser ouvido / Porque não é missão da divindade / Testemunhar o pranto e o regozijo. / O que esperais de um Deus? / Ele espera dos homens que O mantenham vivo.
(grifos nossos)

Dá-se aí uma importante inversão: Deus é que espera manter-se vivo através do homem

O Deus de que vos falo / Não é um Deus de afagos. /; É mudo. Está só. E sabe / Da grandeza do homem / (Da vileza também) / E no tempo contempla / O ser que assim se fez. /.../ E podereis amá-lo / Se eu vos disser serena / Sem cuidados, / Que a comoção divina / Contemplando se faz?

Não é um Deus luminoso, esse. É muito mais terrível e necessário, do que iluminado e acolhedor...mas uma nova grandeza imensa e inquietante é nele presentida, e buscada pela poeta, através das forças vivas terrestres. É essa idéia básica que identifica também a produção ficcional ou teatral de Hilda Hilst, com a "obra do oitavo dia" de que fala o filósofo místico, Berdiaev, ao chamar a atenção para a obra de criação a ser feita, em nosso século, pelo homem. E que transformará antiga idéia do *Homem nascendo em Deus* na idéia de *Deus nascendo no Homem*. Da mesma forma que o místico Angelus Silésius dizia: Sei que sem mim Deus não pode viver nem um instante. Como diz Berdiaev:

...se a obra de redenção e de salvação pode passar sem a criação (humana), para o Reino de Deus, a ação criadora do homem é indispensável. /.../ A criação humana continua a criação do mundo: Deus obrando com o homem, o homem obrando com Deus. /.../ O segredo supremo da humanidade é o nascimento do homem. Mas o segredo divino supremo, é o nascimento do homem em Deus." (in *Le Sens de Création*. 1955)

A idéia desse Deus e a do obscuro luminoso processo da criação poética se fundem no hùmus desta *Trajatória Poética do Ser*:

Estou no centro escuro de todas as coisas / Mas a visão é larga / Como um grito que se abrisse e abrangesse o mar.

O volume encerra-se em abertura plena para o devir que trará, efetivamente, uma incrível amplidão de formas literárias e de sondagens cada vez mais fundas no Real e no Mistério que nele se oculta.

A Busca de novos caminhos

De 1967 a 1974, a voz hilstiana praticamente silencia. Período de fermentação criadora, em que se engendra a ficcionista e a dramaturga, ambas em busca de novas linguagens e novos caminhos



de criação. É quando escreve a labiríntica ficção de *Fluxofloema* (1970) e *Qadós* (1977); e leva à encenação os insólitos espetáculos de *A Possessa* e *O Verdugo*.

Nessa produção ficcional ou teatral, de absoluta originalidade, Hilda Hilst rompe o círculo mágico de seu próprio eu, tal com vinha se manifestado na Poesia, para lançar-se na voragem do Eu/Outro, em face do Enigma (da Existência, da Morte, de Deus, da Sexualidade, da Finitude, da Eternidade...)

Da Sexualidade para o Erotismo

Seu retorno à poesia se faz com *Júbilo Memória Noviciado da Paixão* (1974). Entre esta e a da primeira fase há uma evidente distância: não de valor ou natureza, mas de *intensidade*. Todos os problemas, então cantados, voltam aqui com uma outra densidade.

O *erotismo* (uma das forças mais importantes na ficção e no teatro hilstiano) é aqui o nervo central. É na evolução da *sexualidade*, (presente em sua poesia inicial), para o *erotismo*, que se coloca o problema da Mulher, tal como vem sendo colocado em nossos tempos: ela se redescobrendo, como *princípio*, *expansão* e *duração* do homem. É como se, concentrando-se cada vez mais sobre seu próprio eu, a Mulher fosse, paradoxalmente, se descobrindo cada vez mais extensa e multiforme.

Dentro do círculo / Faço-me extensa / Procuo
o centro / Me distendendo. / Túlio não sabe /
Que o amor se move / No seu de dentro / E
me procura / Movente, móvil / No lá de fora.

Essa descoberta da plenitude sexual no “de dentro”, contraposta ao “lá de fora”, corresponde, em essência, ao que D. H. Lawrence afirmava, quando dizia:

Houve demasiada ação no passado, especialmente ação sexual, uma repetição tão monótona e fatigante sem nenhum desenvolvimento paralelo no pensamento e na compreensão. Atualmente nossa tarefa é compreender a sexualidade. Hoje em dia, a compreensão plenamente consciente do *instinto sexual* importa mais do que o *ato sexual*. (apud Foucault, *História da da Sexualidade*) (grifos nossos)

Escravar o instinto sexual em toda sua significação para a expansão plena do ser, é o

que se faz presente na poesia fremente de *Júbilo Memória Noviciado da Paixão*.

No plano do pensamento criador, instinto sexual já não é visto como limitado a uma função orgânica específica, independente das demais opções ou atos da existência cotidiana. Mas como algo infinitamente mais vasto e profundo, do que aquilo que se entende vulgarmente por função sexual.

O motivo polarizador de toda a poesia que aí se represa é o *erotismo*, no alto sentido filosófico do termo: “a experiência da comunhão plena eu-outro” que, partindo do corpo atinge as raízes metafísicas do ser e o faz sentir-se participante da Totalidade.

Toma-me. A tua boca de linho sobre a minha
boca / Austera. Toma-me AGORA, ANTES /
Antes que a carnadura se desfaça em sangue. /
.....
.....
Tempo do corpo este tempo, da fome / Do de
dentro. Corpo se conhecendo, lento, / Um sol
de diamante alimentando o ventre, / O leite da
tua carne, a minha / Fugidia. / E sobre nós este
tempo futuro urdindo / Urdindo a grande teia.
Sobre nós a vida / A vida se derramando.
Cíclica. Escorrendo / Te descubres vivo sob um
jugo novo.

Como uma sacerdotiza a cumprir um ritual, a Mulher exorta o Homem à união, segura da verdade e essencialidade da experiência amorosa que lhe oferece. Da primeira à última página, *Júbilo Memória Noviciado da Paixão* é um chamamento erótico, na mais alta significação do termo. A partir de uma situação comum, das mais encontradiças desde as “*Cantigas de Amigo*” (a da amante que fala ao amado distante), essa poesia assume a dimensão de uma experiência-limite definitiva. Nela, há uma funda consciência do “*princípio feminino*” que se expressa no apelo feito a Túlio (o amado ausente):

Olha-me de novo. Porque esta noite / Olhei-
me mim, como se tu me olhasses. / E era como
se a água / Desejasse / Escapar de sua casa
que é o rio / E deslizando apenas, sem tocar a
margem. / Te olhei. E há tanto tempo / Entendo
que sou terra. Há tanto tempo / Espero / Que o
teu corpo de água mais fraterno / Se estenda
sobre o meu.

Através dos símbolos “*água*” (princípio masculino, fecundador) e “*terra*” (elemento

feminino a ser fecundado), denuncia-se, nessa poesia, a frustração do processo vital, em sua necessária continuidade, porque o *amado* se recusa à sua tarefa, “deslisando, sem tocar a margem”. Entretanto, a Mulher o espera, como “terra” que é, elemento humano/cósmico a ser fecundado para cumprir sua tarefa de continuadora do humano. Elemento fixo, durável refúgio e estímulo.

Mas não só Mulher. O eu-poético, sendo confluência de dois instintos, o da Mulher e o do Poeta, oscila entre a *permanência* da “terra” e a *mutabilidade* da “água”.

Na última parte de *Júbilo Memória...*, “Poemas aos Homens do nosso Tempo”, o caminho e a força dos poetas se reafirma: da intencionalidade ético/existencial se abre para a política:

Senhoras e senhores, olhai-nos. / Repensamos a tarefa de pensar o mundo. / E quando a noite vem / Vem a contrafação dos nossos rostos / Rosto perigoso, rosto-pensamento / Sobre os vossos atos. /

.....
.....
A *Idéia*, meus senhores/ Essa é mais brilhosa / Do que o brilho fugaz de vossas botas.

.....
.....

...Todos vós, políticos / Que palavra / Além de ouro e treva / Fica em vossos ouvidos? / Além de vossa RAPACIDADE / O que sabeis / Da alma dos homens?

Reafirma-se a eterna tarefa dos poetas: “Pensar o mundo” e não pactuar nunca com qualquer forma de Poder arbitrário que aprisione ou esmague a liberdade de pensar, falar e agir de todos os homens. Nos poemas finais, reafirma-se a *nova confiança do escritor* (poeta, ficcionista, dramaturgo, crítico) no *valor de sua escrita*, como elemento decisivo no processo de transformação que o nosso tempo está sofrendo .

..... Quando o poeta fala
Fala do seu quarto, não fala do palanque, / Não está no comício, não deseja riqueza / Não barganha, sabe que o ouro é sangue / Tem os olhos no espírito do homem / No possível infinito. Sabe de cada um / A própria fome. E porque é assim, eu te peço: / Escuta-me. Olha-me. Enquanto vive um poeta / O homem está vivo.
(grifos nossos)

Daí a certeza de que a aparente fragilidade

da palavra poética (ou da idéia que nela vive) é muito mais forte e resistente do que o Poder organizado que contra ela se levante.

Amada vida: / Que essa garra de ferro / Imensa / Que apunhala a palavra / Se afaste / Da boca dos poetas. *Pássaro-Palavra / Livre / Volúpia de Ser Asa / Na minha boca.*

.....
.....

Em *Da Morte: Odes Mínimas* (1979), Hilda Hilst Mantém um incisivo e desafiante diálogo com a Morte, enfrentada cara a cara, como a grande Realidade que permanece tão misteriosa para os homens, como o era na origem dos tempos:

Te batizar de novo. / Te nomear num trançado de teias / E ao invés de Morte / Te chamar Insana / Fulva / Feixe de flautas / Calha / Candeia / Palma, por que não?

Diante do seu mistério, o que impede de que seja pressentida em outras formas? Anulando toda a possível distância entre si mesma e a Morte, a poeta torna extremamente familiar a temerosa figura, mostrando-a, ao mesmo tempo, essencialmente participante da Vida.

Te sei. Em vida / Provei teu gosto. / Perdas, partidas / Memória, pó / Com a boca viva provei / Teu gosto, teu sumo grosso / Em vida, morte, te sei. Juntas. Tu e eu / Duas adagas / Cortando o mesmo céu. / Dois cascos / Sofrendo as águas. / E as mesmas perguntas.

Empenhada, durante alguns anos, em experiências paranormais (gravações que captam vozes, supostamente de mortos, vindas em ondas hertzianas), Hilda Hilst transmitiu à sua poesia um à vontade em presença da Morte que, sem dúvida, resultava de uma intuição que mais e mais se difunde em nossos tempos: a de que o homem está presente a re-descobrir sua alma e, com ela, descobrir que a Morte é apenas uma *mudança de estado*, uma *nova forma de Vida*, ainda desconhecida.

Em entrevista concedida a Léo Gilson Ribeiro, acerca de suas experiências paranormais, a poeta diz:

...eu acho que a morte é a única situação transcendente do homem, a problemática mais im-



portante do homem /.../ Há vinte anos leio, medito, penso sobre o Homem, a Morte, o Ódio, etc. Daí achei, não sei, acho que minha criação literária e minhas fitas coincidem num ponto: *na urgência de comunicar ao outro: "Você é imortal, não receie a morte, em sua imortalidade cada um de nós preservará a sua individualidade, não é aquela dissolução do eu no Nirvanra, como prega o Budismo."* De modo que quero chamar a atenção, por meio da literatura e das minhas experiências psíquicas para o inadiável: *a premência de reproporem as tarefas prioritárias do homem.*" (in *O Estado de SP*, 18/04/1977)

Poeta da estirpe dos visionários e os incendiados pela Paixão do Viver e do Conhecer, Hilda Hilst permanecerá viva entre as mais altas vozes poéticas, que se entregaram à sondagem do Oculto. Sua criação (poética, ficcional ou teatral) se teceu sempre em busca do além-aparências, ou na redescoberta do absoluto, do sagrado ou do amor, -noções e vivências que, como sabemos, se perderam ou se deterioraram em nosso tempo-em-mutação. Mas sem as quais, o ser humano jamais se revelará, em plenitude, a si mesmo.

BIBLIOGRAFIAS

KAZANTZAKI, Nikos. Carta a Greco. (trad. A. Pereira da Silva) Lisboa, Editora Ulisséia, 1070.

BERDIAEV, Nicolas. Le sens de la création. Paris, Gallimard, 1955

ANGELUS SILESIUS. Pélérin chérubénique (1657) apud BERDIAEV. op. cit.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I. (trad. M. T. da Costa Albuquerque) RJ, Edições Graal, 1979.

NOTA

¹Professora Dr^a da Universidade de São Paulo - USP, área de Literatura Portuguesa. Atualmente atua no programa de Pós-Graduação Stricto-sensu em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

Aceito para publicação em 08/07/2004

